

## PLEASE DON'T PASS ME BY

No início da década de setenta do século passado, ouvíamos Leonard Cohen “gritar”: “Please don’t pass me by”. Esta canção, cujo refrão reproduz os dizeres inscritos num “placard” que um cego tem fixo às costas enquanto deambula empurrado pela multidão *7th Avenue* abaixo: *Please don’t pass me by / I am blind, but you can see / I’ve been blinded totally / Please don’t pass me by*, converteu-se para muitos de nós num Hino à dignidade humana. Diz-nos Cohen, poeta e cantor: *I sing this for the freaks and the cripples, and the hunchback, and the burned, and the burning, and the maimed, and the broken, and the torn,, and all those that you talk about at the coffee tables, at the meetings, and the demonstrations, on the streets, in your music, in my songs*. Ou seja, às vítimas reais da “ira dos deuses” que se abate sobre nós e revela a irredimível fatuidade das nossas palavras pretensamente salvíficas.

Vivemos um tempo marcado pela imprevisibilidade que tem como “oráculos” privilegiados os “economistas” que diariamente nos alertam contra as “calamidades escatológicas” que se avizinham ou manifestam uma convicção aparentemente sincera numa nova Jerusalém que há-de suceder a estes anos de privação e sofrimento. Tendo a não acreditar em nenhuma dessas “profecias” constatando antes que face ao recuo da Razão e do Direito somos hoje presas fáceis de uma “irracionalidade” crescente e globalizada que alguns políticos ingenuamente confiam ainda aos cuidados de uma providencial e benfazeja “mão invisível” que, após os revezes sofridos, se revelaria actualmente mais sábia e experiente. A verdade, porém, é que tudo se resume, a final, a um gigantesco jogo de “poker” protagonizado por “players” ávidos de mais-valias que “bluffam” entre si e lançam as suas cartas sobre o imenso “tapete” verde das nossas vidas.

É hora, portanto, de fazer frente a esses “anónimos” que se escondem atrás das riquezas especulativamente acumuladas e prudentemente depositadas nos mais diversos “paraísos fiscais”. Todavia, nessa “batalha” inadiável não devemos servir-nos de simples palavras mais ou menos inflamadas ou contundentes mas todas elas já “gastas” à custa da sua trivialidade, mas, sim, de actos que demonstrem pacificamente a nossa intransigência e resolução. É tempo dos jovens “a recibo verde”, agirem “gritando”: *please don’t pass me by*; dos desempregados com subsídio ou já sem subsídio, agirem “gritando”: *please don’t pass me by*; dos “pensionistas” com reformas de miséria, agirem “gritando”: *please don’t pass me by*; dos recém-licenciados forçados a emigrar, agirem “gritando”: *please don’t pass me by*; dos trabalhadores provisórios ou a prazo, agirem “gritando”: *please don’t pass me by*; dos imigrantes ilegais “contratados” mas ameaçados de expulsão, agirem “gritando”: *please don’t pass me by*; dos estudantes sem rendimento suficiente mas privados da sua bolsa de estudo, agirem “gritando”: *please don’t pass me by*; dos professores sem colocação garantida, agirem “gritando”: *please don’t pass me by*... E este “exército” não para de aumentar, crescendo à medida que as desigualdades sociais se agravam e os Estados de direito democráticos se abeiram da “bancarrota”.

São estas as verdadeiras vítimas de uma guerra económico-financeira sem quartel que ameaçando a soberania dos Estados coloca em risco os direitos sociais das

respectivas populações, sendo certo que estas últimas não alimentaram e muito menos se beneficiaram com essa disputa que serve exclusivamente os interesses financeiros de uma minoria: os actuais possidentes transnacionais, cujo património, sendo excessivo por referência à escassez geral de recursos, contribui necessariamente para o maior empobrecimento de todas as outras pessoas. Devemos, porém, “bater-nos” acreditando em Cohen quando anuncia às “não-vítimas” (nossos actuais “adversários”): *I promise you friends, that you’re going to be singing this song: it may not be tonight, it may not be tomorrow, but one day you’ll be on your knees and I want you to know the words when the time comes.*

Coimbra, Janeiro de 2012

João Varela